

UMA ANÁLISE COGNITIVA DA COMPARAÇÃO À LUZ DO FUNCIONALISMO

Caio Aguiar Vieira (UESB)

caioaguiar78@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

As línguas apresentam mudanças constantes. Essas mudanças são motivadas por pressões de uso e por pressões do próprio sistema gramatical. Sendo assim, podemos considerar o processo de gramaticalização como um tipo de mudança linguística que envolve a trajetória de regularização de uso de itens lexicais em funções gramaticais. Observando a expressão *que nem* na língua portuguesa, percebemos que essa expressão linguística vem funcionando com o valor semelhante ao da conjunção adverbial comparativa *como*: a) “Vou apelar e fazer um currículo *que nem* do Barney pra vê se consigo arrumar emprego (H.C.)”; b) “este perfil no momento encontra-se *offline* pois vai estudar *que nem* um cão pra passar no vestibular. beijos de luz! (M.A.)”. A partir das reflexões pautadas por Bybee (2010); Dias (2011); Lima-Hernandes (2011); Neves (2000) e Recuero (2009) temos, no presente trabalho, o objetivo de verificar como a estrutura *que nem* aparece nas mídias sociais como forma comparativa. A justificativa para utilização dessa ferramenta é que o gênero *tweet* apresenta-se com características do texto oral, pois, embora seja um registro escrito, foi possível verificar indícios significativos de como a expressão em estudo aparece em enunciados pouco monitorados e bastante próximos a situações de fala.

Palavras-chave: formas comparativas; gramaticalização; *que nem*; mídias sociais.

1. Considerações preliminares

No presente artigo, temos o objetivo de analisar como as novas formas comparativas estão sendo utilizadas no português por meio da rede social *Twitter*. Deste modo, levando em consideração os estudos realizados por Vieira & Sousa (2015), nos quais discorrem sobre as diversas formas que a partícula *que nem* apresenta, iremos, neste trabalho, verificar, em particular, a utilização desse item como forma comparativa.

De acordo com Lopes (2015), a gramaticalização é um processo que um item ou itens gramaticais passa desempenhar outros papéis, este novo item gramatical passa a ser ainda mais gramatical, podendo até mudar de categoria sintática. Com base nesse conceito, juntamente com a teoria funcionalista, partiremos da hipótese que o *que nem* é utilizado

como forma comparativa tendo o valor semelhante ao da conjunção *como*.

Para alcançar tais propósitos, em nosso trabalho, tratamos, na primeira seção, dos conceitos que permeiam a teoria funcionalista e, em seguida, abordamos o processo de gramaticalização. Após essas discussões de natureza teórica, apresentamos a metodologia da pesquisa e uma breve abordagem sobre as redes sociais, em especial, acerca do *Twitter*. Na sequência, trazemos a análise e discussão de dados e, por fim, as considerações finais.

2. A teoria funcionalista

No funcionalismo, área da linguística surgida na década de 70, a língua é concebida como meio de comunicação/interação. Assim, a teoria baseia-se no pressuposto que o sistema linguístico está submetido às pressões comunicativas e, desse modo, a gramática funcional é considerada como emergente, tendo em vista que a língua constitui um espaço no qual novas formas aparecem na língua constantemente. Neves (2000), a esse respeito, diz que a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

A gramática funcional, segundo Dik (1997, *apud* LIMA-HERNANDES, 2011) objetiva a descrição e a explanação das línguas focalizando os aspectos pragmático e psicológico. Discussões a respeito do entorno comunicativo e da correlação com os processos mentais envolvidos na interpretação e produção das expressões são imprescindíveis. Essa análise, proposta por Dik (1997), diz respeito e sustenta-se no argumento de que o usuário da língua natural é parte do sistema integrado, a própria língua. Do ponto de vista funcional, a língua, de acordo com Lima-Hernandes (2011), é um sistema semântico que se manifesta por meio de enunciados linguísticos que são estruturados, por sua vez, a partir de uma organização específica de itens gramaticais e lexicais.

Essa pesquisa, de cunho funcionalista, não poderia deixar de lado o dever de explicar as regras e os princípios que subjazem ao funcionamento dos elementos linguísticos desse estudo. Pois, é com a teoria funcional, que se explica o dinamismo cooperativo. Ora, pois é na língua em uso que observamos as atividades interativas e, então, vemos o mútuo

trabalho de construção interpretativa entre dois falantes. Para melhor visualização do processo, veremos o modelo funcionalista postulado por Dik (1997, *apud* LIMA-HERNANDES, 2011).

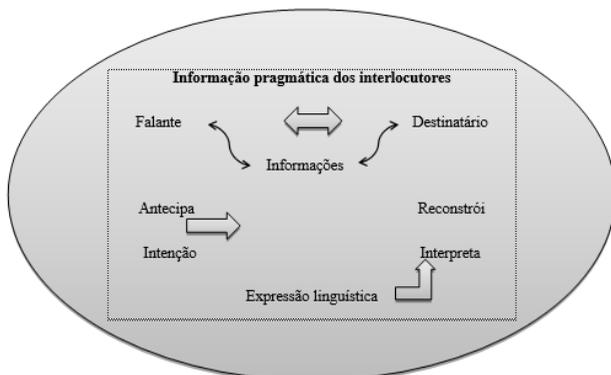


Fig. 1

Assim, nesse modelo, o ato comunicativo incorpora a intenção do falante, e o ouvinte que está em um papel não passivo de receptor que interpreta a partir do *output* linguístico gerado pelo falante. Portanto, no jogo comunicativo, há o estabelecimento entre a expressão linguística e a interpretação por meio das informações pragmáticas.

Neste momento, a fim de ver o funcionamento dos itens *que nem*, apresentamos, a seguir, alguns exemplos dessa partícula:

- i) *Que nem* chiclete, *que nem* chiclete, *que nem* chiclete grudadinho em você. (Trecho da música de Rick & Renner, intitulada: *que nem* chiclete);
- ii) [...] Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, a mão já tava dessa altura, preta *que nem* um carvão, o braço todin inchou com coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo... todo... todo... e deu aquelas bolha de fogo [...]. (M.C.A.O. Trecho do *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista, Bahia);
- iii) [...] Segundos depois Maria corria *que nem* uma louca pela rua, ultrapassava faróis [sic] e via a destruição do mundo atrás dela [...]. (Trecho do livro: *A reencarnação de Lilith*, de Jacqueline Bellio)

Com base nos exemplos acima, percebemos que a partícula em estudo se apresenta em situações diversas, desde canções, passando pelo texto oral e, por fim, em texto escrito. Mas, como vemos, a partícula *que nem* aparece como construção, ou seja, temos dois itens que funcionam encadeados exercendo o papel de comparação nas frases supracitadas.

Entretanto, como os itens se encadeiam e formam um único bloco com forma-função? Para esse questionando, buscaremos, a partir de agora, por meio da gramaticalização, explicações para esse novo papel que o *que nem* assume.

3. *Funcionalismo e o diálogo com os estudos sobre gramaticalização*

Bybee (2010) explica que as línguas se diferenciam uma das outras e estão sempre mudando. A variação, portanto, se dá de maneira periódica, ou seja, regular. Assim, a linguista enumera os processos de domínio geral da língua: *analogy* (analogia), *chunking* (encadeamento). O encadeamento é a relação sequencial cada vez mais fixa de duas ou mais palavras unidas em uma sentença. Essa relação torna-se cada vez mais forte devido a frequência com que elas são utilizadas dentro da cadeia sintagmática, sendo tal frequência um dos maiores responsáveis pela ativação do processo de gramaticalização.

A analogia, por outro lado, é o processo pelo qual um falante usa um novo item em uma construção, cotejando-a a outras estruturas e processos de mudanças já ocorridos. Dada a especificidade das construções e a forma como elas são construídas por meio da experiência com a linguagem, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item é gradual e baseada em seus antigos usos. (BYBEE, 2010, p. 23)

É interessante, em nossa pesquisa, pensarmos sobre a repetição de uma expressão, ou em termos funcionalistas, da rotinização de usos que faz com que a ela se fixe, normalize-se e regularize-se. Heine e Reh (1984), por sua vez, corroboram, também, com nossa discussão, ao afirmar que, quanto mais uma unidade linguística passa pela gramaticalização, mais ela se une semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades.

Com base nessas reflexões, conseguimos, a partir de agora, responder ao questionamento feito na seção anterior, pois se constata que o *que* e o *nem* assumem uma forma encadeada, com função de conjunção e, também, com significado único. No que diz respeito ao processo de gramaticalização, vale ressaltar, também, como afirma Dias (2011), que devemos observar que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.

Portanto, verificamos que o *que* e o *nem* pertenciam a uma categoria sintática e devido ao encadeamento (*chunking*) as partículas *que* e

nem se juntam e formam um par único de forma-significado, havendo o processo de descategorização, assumindo, na língua portuguesa, o valor de comparação. Ao lado disso, no entanto, as formas *que* e *nem* continuam existindo na língua e tendo o seu uso preservado.

4. O processo de comparação: uma análise cognitiva

Faremos, nessa seção, uma breve contextualização do processo de comparação à luz da linguística cognitiva, pois para o processo de comparação é necessária a articulação de compartimentos cerebrais. Lima-Hernandes (2011) afirma que esse processo é desenvolvido pelos seres humanos ainda na idade infantil, e essa atividade diferencia-se no adulto pelo tipo de estratégia comparativa operada, pois, segundo a linguista, para uma estruturação linguística complexa é necessária a articulação de compartimentos cerebrais que só se adquire com a progressão da complexidade e a associação de intermódulos mentais.

Salles (1979, *apud* LIMA-HERNANDES, 2011, p. 45) argumenta que:

A comparação é um processo de conhecimento. Sua finalidade: levar a conhecer e a saber. Organiza-se na inteligência e projeta-se na língua no interesse do usuário: um sujeito-pensante dinamizando uma competência textual, que considere as habilidades do sujeito-comunicante de saber 'adaptar' os seus enunciados a determinadas situações de comunicação. Em suma, um componente pragmático que seja o elo da gramática-competência com o uso concreto do sistema. (SALLES, 1979, *apud* LIMA-HERNANDES, 2011, p. 45)

O autor, precursor dos estudos sobre comparação, ainda ressalta que a comparação é um meio para atingir um fim: conhecer, avaliar o mundo, compensar, fazendo, assim, uma atividade básica e comum do ser humano.

Recorrendo, ainda, a uma gramática de usos, percebemos que a comparação tem como característica, do ponto de vista sintático, a dependência de dois elementos e, no que diz respeito à semântica, as comparativas caracterizam-se pelo estabelecimento de um cotejo entre esses elementos. (NEVES, 2000, p. 893)

Nesse trabalho, como já mencionamos, objetivamos analisar como ocorre a forma comparativa por meio das mídias sociais, sendo assim, na próxima seção desse artigo, discutiremos o *corpus* que foi utilizado para a coleta de dados, e verificaremos, também, mais adiante, se a partícula

em estudo tem o mesmo sentido da partícula *como*, forma prototípica para a comparação, como Bechara (2006) exemplifica:

Estimo-o como um pai (=que nem um pai estima).

5. *O Twitter e as mídias sociais*

As redes sociais, atualmente, constituem o meio de comunicação mais acessível, pois as pessoas em qualquer parte podem utilizá-las, independente do lugar que elas estejam. Isso se justifica pela grande parte dos internautas utilizarem a *internet* em seus computadores, *tablets*, *smartphones* etc. Em matéria publicada no jornal *O Globo*⁵⁶, os jornalistas afirmam que cerca de 85,9 milhões de pessoas utilizavam redes sociais no Brasil em 2013. Segundo o jornal, o que proporciona esse número estrondoso de usuários foi a fácil utilização de dispositivos como celulares, *tablets* etc. Outro motivo que, sem dúvidas, impulsionou esse aumento foi a fácil disponibilidade de redes 3G pelo Brasil, o que faz a utilização das redes sociais cada vez mais acessíveis.

Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005) afirmam que as pessoas sempre desenvolveram relações durante toda a vida, desde a familiar, passando pela escola, na comunidade na qual vivem, no trabalho etc. Essas relações, segundo as autoras, é o que fortalecem a esfera social, portanto, a própria natureza humana nos liga a outras pessoas e estrutura a sociedade em rede.

Nas redes sociais cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes. (TOMAÉL, ALCARÁ & DI CHIARA, 2005, p. 93)

Fato que vem sendo ainda mais facilitado em função das novas redes sociais que têm aparecido no mercado. Como exemplo de uma dessas formas, trazemos, para esse trabalho, o *Twitter*. Conhecido como um site de *microblogging* (*microblog*), o *Twitter* é uma das redes sociais mais populares do mundo, contando com cerca de 271 milhões de usuários ativos, de acordo com dados divulgados pelo portal G1⁵⁷. Com ta-

⁵⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-aceso-ainda-concentrado-13027120>>.

⁵⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/07/numero-de-usuarios-do-twitter-sobe-24-para-271-milhoes.html>>.

manha quantidade de usuários, o site é uma das mais poderosas ferramentas de comunicação, pelas quais milhões de pessoas produzem e compartilham suas postagens. A rede social foi fundada por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams ainda em 2006.

O *Twitter*, segundo Recuero (2009), é estruturado com seguidores e pessoas para seguir, na qual cada usuário pode escolher quem seguir e por quem ser seguido. As postagens são chamadas na rede social de *tweets* e podem, como característica peculiar a esse gênero, ser postados em um espaço máximo de 140 caracteres.

Recuero (2009) a esse respeito ainda informa que:

Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo *twitter* através da construção de um pequeno perfil. (RECUERO, 2009, p. 173)

Realizada essa breve discussão sobre as redes sociais e, em específico, sobre o *Twitter*, na próxima seção, analisaremos como a expressão *que nem* aparece nos *tweets* dos usuários. Ressaltamos que a justificativa para utilização dessa ferramenta é que o *tweet* se apresenta com características do texto oral, pois, embora seja um registro escrito, foi possível verificar significativos indícios de como a expressão em estudo aparece em enunciados pouco monitorados e bem próximos a situações de fala.

6. *Que nem gramaticalizado por meio do Twitter*

Nesse trabalho, propusemo-nos a analisar a partícula *que nem* por meio da plataforma *Twitter*, pois, como já foi dito, os *tweets*, por assemelharem-se como um texto oral e, além disso, por conter poucos caracteres para expressar uma ideia e/ou sentimento, torna-se um veículo de fácil visualização para o processo de gramaticalização. Portanto, selecionamos 30 *tweets* de perfis públicos da rede social de forma aleatória e, para isso, utilizamos a ferramenta de busca da rede procurando a partícula *que nem*.

Os dados coletados foram feitos no mês de abril de 2015 e, com base nos *tweets* encontrados, pudemos constatar que as formas *que* e *nem* atuam como estruturas encadeadas, ou seja, como construção, em três diferentes circunstâncias: i) em estruturas que se assemelham com uma

construção de orações adverbiais consecutivas⁵⁸; ii) em estruturas adverbiais comparativas; iii) em estruturas ambíguas⁵⁹.

- 1) Tem ex namorado que é *que nem* herpes, quando você pensa que se livrou, ele reaparece pra te incomodar (J. A. S)
- 2) este perfil no momento encontra-se offline pois vai estudar *que nem* um cão pra passar no vestibular. beijos de luz! (M. A)
- 3) A saudade bateu foi *que nem* maré. (C.S)
- 4) Queria que o *halloween* aqui no Brasil fosse *que nem* nos EUA, sempre quis sair pedindo doce na casa das pessoas. (F.D)

No exemplo acima, temos a partícula *que nem* assumindo função de uma conjunção comparativa. Segundo Castilho (2010), a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais... que ou do que*), uma inferioridade (*menos... que ou do que*) entre duas realidades ou conceitos. Bechara (2010) contribui afirmando que as comparativas geralmente não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos; nesses casos (1-4), percebemos que o grau comparativo é feito a por meio da conjunção *que nem*.

Considerando a frequência como um fator determinante em nossos estudos, faz-se necessário verificar as ocorrências de usos da expressão no *Twitter*, a forma como tal expressão aparece com vistas a identificar um processo de gramaticalização em constituição. Para melhor ilustrar o processo de gramaticalização do *que nem*, elaboramos, então, um quadro elucidativo com o objetivo de mostrar, em forma quantitativa, as formas de como a estrutura aparece no *microblogging* (microblog).

Vale ressaltar que, como trata-se de um estudo ainda preliminar, não realizamos um estudo buscando outras formas comparativas presentes no *corpus*, apenas selecionamos a expressão *que nem* e observamos o seu comportamento comparativo em relação a outros valores também desempenhados por tal expressão. Diante disso, obtivemos o resultado ex-

⁵⁸ Enquadramos como oração subordinada adverbial consecutiva, pois, segundo Castilho (2010), esse tipo de oração necessita de um intensificador *tanto*, portanto, foi verificado a presença da deste, no entanto, neste caso o *que nem* pode atuar separadamente.

⁵⁹ No artigo: "Trajetória de gramaticalização do *que nem*" de Thompson, Tota e Rodrigues (2012) foi chamado de estruturas de ambíguas. Utilizamos, aqui, a mesma nomenclatura, já que elas não se assemelham as características de comparação e, tampouco, de consecutiva.

posto que nos sinaliza um uso bastante produtivo da expressão que nem na condição de elemento comparativo.

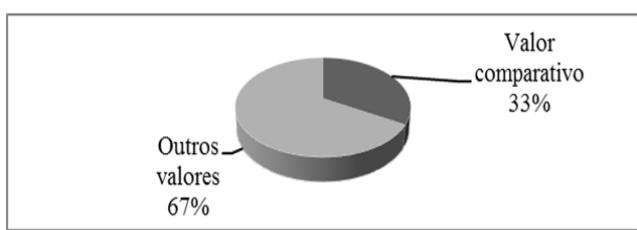


Fig. 4: percentual da partícula *que nem* com valor comparativo e com outros valores

7. Últimas considerações

Por meio dessa pesquisa, foi possível verificar que a partícula *que nem* aparece como construções adverbiais comparativas, ocorrendo, também, com outros valores. O *Twitter*, com características do texto oral e escrito, mostra-nos que o *que nem* está passando por um processo de gramaticalização com mais incidências de outros valores, do que com o valor comparativo, negando, assim, a hipótese inicial de que a partícula era uma variável, somente, do conectivo comparativo *como*.

A relevância dessa pesquisa, portanto, é de mostrar que podemos ampliar o que está posto na gramática normativa, a partir de um estudo da língua em uso à luz do funcionalismo, evidenciando a utilização da partícula com outros valores. Esperamos, então, a partir do que foi analisado, que a pesquisa contribua com futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIAS, Juliana Regina. *QUE NEM: um estudo do processo de gramaticalização*. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Unesp.

Araraquara, São Paulo.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Indivíduo, sociedade e língua: cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.

NEVES, M. H. M. de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TOMOÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. *Revista Scielo. Ci. Inf.*, Brasília, vol. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago.2005.

VIEIRA, Caio Aguiar; SOUSA, Valéria Viana. Que nem no Twitter: o processo de gramaticalização do que nem nas mídias sociais. In: *Anais do IX Colóquio do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista: UESB, 2015.